

Educação, contar histórias e artes orientais

Chie Hirose¹
Georgia Vassimon²
Jean Lauand³
Sérgio Oliveira dos Santos⁴
Sylvio Horta⁵

Resumo: Versão escrita e editada dos comentários e debates ocorridos em mesa redonda do *I Encontro Cemoroc Educação: Os Orientales*. São Paulo, 21-12-11. Na edição, os boxes recolhem fontes e citações mencionadas oralmente no debate.

Palavras Chave: Ensino e histórias. artes orientais. *amthal*. judô.

Education, telling stories and Oriental arts

Abstract: Edited text (with boxes to quotations) of the round table in *I Encontro Cemoroc Educação: Os Orientales*. São Paulo, 21-12-11.

Keywords: Stories in education. Oriental arts. *amthal*. judo.

Nota prévia: Após as conferências dos autores, instalou-se no *I Encontro Cemoroc Educação: Os Orientales* (São Paulo, 21-12-11) esta mesa redonda, na qual os conferencistas abrem, com os colegas e participantes, os diálogos sobre os temas de suas exposições, publicados neste e no número anterior de *Collatio*).

GV: Prof. Lauand, o senhor acabou de falar do contar histórias, fábulas, piadas, provérbios, parábolas, enfim tudo aquilo que na tradição pedagógica árabe é designado por *amthal*. Agora, pensando não na relação ensino-aprendizagem, mas, digamos, num plano pessoal, que papel exercem os *amthal*.

JL: Um papel importantíssimo. De fato, é muito difícil distinguir o que é de “uso didático” e o que é de “uso pessoal”. Até porque – todo professor sabe disso e... vive disso – ensinar é um processo de “voz média”: ações que não são propriamente ativas ou passivas, mas de interação. Sim, eu as protagonizo, *pero no mucho*...

Nesse sentido, é muito interessante lembrar que o verbo “falar”, *loquor* em latim, é verbo depoente: ativo-passivo. Falando para os alunos é que eu acabo falando para mim mesmo: ganho consciência do que realmente penso. Coisa que, aliás, está acontecendo neste exato momento... (risos).

¹. Doutora em Educação Feusp. Professora das Facs. Integradas “Campos Salles”. hirosec@hotmail.com

². Mestranda PPGE Metodista / Coord. Psicopedagogia Sedes Sapientiae. geovas@terra.com.br

³. Prof. Titular FEUSP (aposentado) e do PPGE da Univ. Metodista de São Paulo. jeanlaua@usp.br

⁴. Mestrando PPGE Metodista / Coord. da base e formação de judô da PMSCS. sergio_oliveirasantos@hotmail.com

⁵. Doutor pela Feusp. Prof. do Depto. de Letras Orientais Fflchusp. sylviogh@uol.com.br

Emprega-se a voz média para ações que não se enquadram propriamente na voz ativa nem na voz passiva: ações das quais eu sou o sujeito, mas que não estão sob meu comando. Assim, há ações que não são ativas nem passivas. O verbo nascer por exemplo não é ativo nem passivo: é muito difícil dizer se sou que eu nasço ou se "sou nascido". Certamente sou eu que nasço, mas não domino ativamente esta ação...; por isso o inglês usa o nascer na passiva: *I was born in 1952*. O mesmo acontece, por exemplo com o morrer: a ação é minha, mas não é minha... Uma tentativa de suprir a ausência da voz média é dá-se pelo reflexivo, e vemos que a língua espanhola torna reflexivos verbos que em português não o são: *Yo me muero* etc. As canções de Paulinho da Viola trabalham muito com a voz média. O samba "Timoneiro" - do qual procede o verso: "Não sou eu quem me navega, quem me navega é o mar... - é um maravilhoso exemplo dessas ações que o latim expressa por voz média, verbos depoentes. Não sou plenamente dono do meu navegar; quem **me** navega é o mar. E "o mar não tem cabelos que a gente possa agarrar..." Etc.

Lauand, J. *Aspectos do Ensino...* www.hotopos.com/rih8/jean.htm (acesso: 10-01-12)

E disso o prof. Sylvio Horta, de modo muito incisivo, já nos falou de manhã: a metáfora (uma forma de *mathal*) é não só para expressar o pensamento, mas também meio do próprio pensar. E você mesma investiga isso para sua dissertação de mestrado: os *amthal* são não apenas recurso didático, mas base da virtude da *prudentia*, a arte de tomar a decisão certa em cada situação de nossa vida pessoal.

SH: Gosto do que Ortega diz sobre o lugar dos mitos na educação. O papel do mito não é nos proporcionar uma adaptação intelectual à realidade, não é no mundo externo que ele encontra o seu objeto adequado, mas sim no mundo interior. Os mitos abrem os canais do sentimento que nutrem nossa vitalidade, nos instalam na *ilusión* (nos deixam *ilusionados* e não iludidos). Como diz Ortega: "o mito é o hormônio psíquico".

Ortega diz que quando alguém "censura o uso de metáforas em filosofia, revela simplesmente o seu desconhecimento do que é filosofia e do que é a metáfora. A metáfora é um instrumento mental imprescindível, é uma forma do pensamento científico". Afirma que a metáfora é usada "quando nos encontramos com certas realidades difíceis de se pensar (por exemplo: o *fundo* da alma)", isto é, que "Além de ser um meio de expressão a metáfora é um meio essencial de inteligência". "A metáfora é uma verdade, é um conhecimento de realidades. Descobre fatos tão positivos como os habitualmente descobertos pela investigação científica".

JL: Quando não valorizamos a *prudentia*, corremos um sério risco: o de abdicar da especificidade da situação concreta. E isso é grave porque nossas decisões ocorrem no "aqui e agora" das circunstâncias da vida e abdicamos delas para instalar-nos no cômodo (e covarde) apego às regrinhas burocráticas, que sufocam a vida e a justiça. O caso antológico, ocorrido em 2009, é o daquelas diretoras das escolas municipais de São Paulo.

Um episódio recente manifestou – de maneira particularmente cruel – a injustiça que é, por vezes, aferrar-se à letra da lei. A Prefeitura de São Paulo deveria ter entregado aos alunos da rede municipal de ensino os uniformes de inverno em março de 2009. Alegando dificuldades de trâmites jurídico-burocráticos até meados de junho – no qual São Paulo viveu um inverno frio e prolongado – não haviam sido entregues (e nem os de verão). Nada de novo, o atraso ocorre todos os anos. O mais absurdo, porém, foi a medida legalista de algumas diretoras proibindo a entrada dos alunos sem uniforme: "Na escola Celso Leite Ribeiro Filho, na Bela Vista (centro), pais contaram que a

escola exige o uso do uniforme, mesmo sabendo que as crianças não os receberam.” (Folha de S. Paulo 9-05-2009 “Kassab atrasa entrega de uniformes pela 4ª vez”). Sem efetivos canais de manifestar sua indignação, vai-se instalando a *dissolutio*, enquanto o “pai de uma estudante, o caseiro Leonildo Vieira, 62, não reclama mais. ‘Já me acostumei, todo ano é assim’”. (www.hottopos.com/notand_lib_14/notandumlibro14.pdf. Lauand, João S. “A excelência de cada um” acesso: 10-01-12)

Abdicamos da *prudentia* e ingressamos na lógica da hierarquia burocrática do Sistema, a do medo: “eu, hein?”, “na minha mão, bomba nenhuma explode”. Junte-se a isto o fato de que a educação fundamental está dominada pelas *guardians*, as SJ de David Keirse, com forte tendência reguladora, e teremos um massacre dos educandos.

CH: Um ponto importante que eu destacaria nessa fala do Prof. Lauand é o risco, sempre presente, “de abdicar da especificidade da situação concreta”, do “aqui e agora”. Daí a força das pedagogias dos Orientes: valendo-se, por um lado, dos ritos e, por outro, das fábulas e parábolas.

Nos dois casos, estamos apostando no corpo como indutor do espírito: a repetição dos ritos, de gestos corpóreos, induz atitudes na alma.

As parábolas, percorrem, por assim dizer, o sentido contrário daquela Educação Moral instalada em princípios abstratos (do de raiz: “Faze o bem e evita o mal...” aos – também abstratos – Dez Mandamentos: o que é, afinal, aqui e agora, “Honrar pai e mãe?”) e que não chega (e nem é isso possível) ao nível da decisão concreta.

O rito, indica procedimentos concretos, corporais, que pretendem induzir (claro que sempre há o risco de o rito degenerar em rituais vazios...) os estados de espírito adequados: em vez de dizer: “honrarás pai e mãe”, ele prescreve, por exemplo, como deve ser o luto pela perda paterna: durante tanto tempo não se pode fazer festas, nem celebrações de alegria; impõe condicionamentos no vestir e no comer etc. Dediquei meu doutoramento aos procedimentos rituais da Cerimônia do Chá, o *Chado*, de como o simples ato de oferecer o chá pode promover valores humanos, educar. O Sérgio poderia voltar a nos falar desse outro *do*, o judô.

SOS: Tomando evidentemente o cuidado de localizar historicamente os princípios educativos de sua criação, numa época de emergente industrialização do Japão, seguida de uma grande influência da cultura ocidental na suas instituições educacionais no final do sec. XIX e início do sec. XX, podemos reconhecer que o Judô foi elaborado como *do*, como método educativo. Recordando o que disse há pouco na conferência, o judô foi desenvolvido em 1882 por Jigoro Kano, a partir de seus estudos sobre as diversas escolas de *JuJutsu* (arte marcial japonesa). O Judô Kodokan fundou-se a partir de três pilares básicos: como método de luta (arte marcial), como método de treinamento físico (educação física), como método de treinamento mental (desenvolvimento moral e intelectual) onde o *do* (caminho) é o foco principal. Uma das principais contribuições de Kano foi a transformação de uma prática de luta marcial (de uso para guerra) em um método educativo. Para isso foi necessário estabelecer uma ligação entre o oriente e o ocidente preservando parte da cultura tradicional japonesa e permitindo a influência de pensamentos e práticas ocidentais. Neste processo, o *Do* do Judô tem se configurado como um caminho de interação oriente-ocidente.

Penso que seria interessante aqui, indicar como, também no judô, os ensinamentos são transmitidos através de *amthal*. Vejamos, por exemplo, a canção,

escrita por um grande mestre de Judô, Kyuzo Mifune (1883-1965), evidenciando aspectos do pensamento oriental relacionados ao Judô.

A canção do Judô

Quando treinar, livre-se de todos os pensamentos que distraem;
Mantenha seu coração animado, e um corpo animado também.
Não de esqueça do princípio “retornar ao centro”;
Esforce-se sempre, com sincera devoção.
Este é o verdadeiro caminho da suavidade!
Este é o verdadeiro caminho da suavidade!

Acumule habilidades por meio do aprimoramento incessante do corpo e da mente;
Conquiste a capacidade milagrosa de cair sete vezes, mas levantar-se oito.
Tornar-se iluminado para o caminho da libertação;
Tornar-se como uma bola que gira, responde sem esforço a qualquer contingência.
Este é o verdadeiro caminho da suavidade!
Este é o verdadeiro caminho da suavidade!

O caminho da suavidade transcende os limites nacionais:
Um coração dócil não tem inimigos.
As pessoas do mundo dão-se as mãos.
E estabelecem uma aldeia global.
Este é o verdadeiro caminho da suavidade!
Este é o verdadeiro caminho da suavidade!

(MIFUNE, K. A canção do Judô. In: STEVENS, J. **Segredos do budô: ensinamentos dos mestres das artes marciais**. São Paulo: Cultrix, 2005, pag. 44-45)

Nessa canção, por exemplo, podemos notar a influência do pensamento oriental na sentença: “*Tornar-se como uma bola que gira, responde sem esforço a qualquer contingência.*” próprio do pensamento do Tao (*tao = do*) carregando a idéia da flexibilidade vencer a rigidez como também em: “*O caminho da suavidade transcende os limites nacionais*”; “*Um coração dócil não tem inimigos*”; “*As pessoas do mundo dão-se as mãos*”, a mensagem pacifista do Judô, posição adotada por Jigoro Kano em função do período de militarização do Japão e o forte sentimento nacionalista do período pré 2ª guerra na década de 40.

Apresento ainda mais um par de exemplos de *amthal* do Judô. Em “*Fraqueza ou força?*” notamos o conceito do uso eficiente da energia física, mental e espiritual e na “*Parábola do faixa preta*” fica a mensagem que toda a conquista é um começo de uma nova fase, muito mais de responsabilidade do que ostentação de méritos, aparências, status e poder, vejamos a seguir:

Fraqueza ou força?

Um garoto de 10 anos de idade decidiu praticar judô, apesar de ter perdido seu braço esquerdo em um terrível acidente de carro. Disposto a enfrentar as dificuldades e suas limitações, começou as lições com um velho mestre japonês. O menino ia muito bem. Mas, sem entender o porquê, após três meses de treinamento, o mestre tinha-lhe ensinado somente um movimento. O garoto então disse:
- Mestre, não devo aprender mais movimentos?
O mestre respondeu ao menino, calmamente e com convicção:
- Este é realmente o único movimento que você sabe, mas este é o único movimento que você precisará saber.
Sem entender completamente, mas acreditando em seu mestre, o menino manteve-se treinando. Meses mais tarde, o mestre inscreveu o menino em seu primeiro torneio. Surpreendendo-se, o menino ganhou facilmente seus primeiros dois combates. O terceiro combate revelou ser o mais difícil, mas depois de algum tempo seu adversário

tornou-se impaciente e agitado. Foi então que o menino usou o seu único movimento para ganhar a luta. Espantado ainda por seu sucesso, o menino estava agora nas finais do torneio. Desta vez, seu oponente era bem maior, mais forte, e mais experiente. Preocupado com a possibilidade do garoto se machucar, cogitaram em cancelar a luta, quando o mestre interveio:

- De forma alguma! Deixe-o continuar.

Desta forma, o garoto, usando os ensinamentos do mestre, entrou pra luta e, quando teve oportunidade, usou seu movimento para prender o adversário.

Foi assim que o menino ganhou a luta e o torneio. Era o campeão. Mais tarde, em casa, o menino e o mestre reviram cada movimento em cada luta. Então, o menino criou coragem para perguntar o que estava realmente em sua mente:

- Mestre, como eu consegui ganhar o torneio com somente um movimento?

- Você ganhou por duas razões - respondeu o mestre. - Em primeiro lugar, você dominou um dos golpes mais difíceis do judô. E em segundo lugar, a única defesa conhecida para esse movimento é o seu oponente agarrar seu braço esquerdo.

A maior fraqueza do menino tinha-se transformado em sua maior força... Assim, também nós podemos usar nossa fraqueza para que ela se transforme em nossa força..

O que realmente importa é o poder da determinação.

(Disponível: www.metaforas.com.br/metaforas/metaf20020330.asp Acesso: 10/1/2012)

A Parábola do faixa preta

Eduardo A. de Paula

Imagine um lutador de artes marciais ajoelhado na frente do mestre *sensei* numa cerimônia para receber a faixa preta obtida com muito suor. Depois de anos de treinamento incansável, o aluno finalmente chegou ao auge do êxito na disciplina.

"Antes que lhe dê a faixa, você que passar por um outro teste", diz o *sensei*.

"Estou pronto" responde o aluno, talvez esperando pelo último assalto da luta.

"Você tem que responder à pergunta essencial: Qual é o verdadeiro significado da faixa preta?"

"O fim da minha jornada", responde o aluno. "Uma recompensa merecida por meu bom trabalho".

O *sensei* espera mais. É óbvio que ainda não está satisfeito. Por fim, o *sensei* fala.

"Você ainda não está pronto para a faixa preta. Volte daqui a um ano".

Um ano depois, o aluno se ajoelha novamente na frente do *sensei*. "Qual é o verdadeiro significado da faixa preta?". Pergunta o *sensei*.

"Ela é o símbolo da excelência e o nível mais alto que se pode atingir em nossa arte", responde o aluno.

O *sensei* não diz nada durante vários minutos, esperando. É óbvio que ainda não está satisfeito. Por fim, ele fala. "Você ainda não está pronto para a faixa preta. Volte daqui a um ano". Um ano depois, o aluno se ajoelha novamente na frente do *sensei*. E mais uma vez o *sensei* pergunta: "Qual é o verdadeiro significado da faixa preta".

"A faixa preta representa o começo - o início de uma jornada sem fim de disciplina, trabalho e a busca por um padrão cada vez mais alto", responde o aluno.

"Sim. Agora você está pronto para receber a faixa preta e iniciar o seu trabalho".

(Disponível em: http://www.aikikai.org.br/art_parabola.html. Acesso : 10/01/2012)

CH: Falávamos do rito como fator de educação oriental, com seus procedimentos. Já os provérbios e parábolas, os *amthal* como estamos dizendo aqui, propõem uma situação concreta, uma história, uma máxima expressiva... e a partir daí é que se obtém a luz prudencial para a decisão. Para ficarmos apenas com cão e gato (e com uns poucos exemplos dentre as dezenas possíveis) a tradição japonesa orienta o comportamento humano com base nesses animais domésticos. Como era de esperar, cão e gato são dois importantes animais na simbologia cultural:

Inu wa mikka kaeba sannen on o wasurenu

Cuide de um cão por três dias e ele não esquecerá a bondade por três anos.

Neko wa sannen no on wo mikka de wasurenu

Cuide de um gato por três anos e ele esquecerá a bondade em três dias.

Ao contrário do cão, o gato não tem solicitude pelo próximo. Assim quando alguém está muito ocupado e necessitado de ajuda:

Neko-no te-mo karitai

Quer ajuda até do gato.

Etc.

Há um autor interessante, para o nosso caso, Manabu Murase, que nos dá uma preciosa indicação sobre uma das razões pelas quais a cultura japonesa volta-se para os provérbios: na antiguidade, para “acessar” a realidade quotidiana, o provérbio era considerado a porta de entrada para adentrar em outros âmbitos, sistemas que integram o mundo. Pelo provérbio supera-se a insegurança, perde-se o medo de interagir com novos âmbitos (novos povos, novas situações, novas realidades geográficas etc.), dando como que uma familiaridade para com eles; “domesticando” a realidade. Os deuses (e as forças cegas da natureza etc.) apresentam-se agora em uma linguagem nossa. Se se dispõe de um provérbio como, digamos, “Quando o vento briga com o mar, quem vira é a barquinha”, isso não afasta tempestades, mas pelo menos nos orienta sobre como lidar com elas...

SOS: Como o Judô é uma das poucas práticas de origem oriental presente em diversas escolas brasileiras; utilizar contos, histórias, canções, parábolas e metáforas para levar parte do pensamento oriental é um privilégio que deve ser explorado. Por mais que se desenvolvam atividades e vivências sobre cultura oriental na escola, estas são pontuais, enquanto que o Judô, quando a escola oferece, é tido como atividade de longo prazo, com espaço próprio, o *Dojo* (local de prática do judô).

O que preocupa, em certo sentido, é afirmação do Judô na escola somente como prática esportiva, desconsiderando sua função formadora na possibilidade de veicular a linguagem e o pensamento oriental.

Para não perder a oportunidade de vivenciar o pensamento oriental no espaço do *Dojo*, além do uso de provérbios, parábolas e histórias, uma outra forma de *mathal* vem sendo explorada utilizando a metáfora por simbologia, ou seja, um objeto que carrega em si um significado simbólico, uma mensagem filosófica de caráter educativo. Um exemplo disso é a utilização do *hashi* (utensílio tradicional da alimentação oriental) para representar aspectos importantes do Judô como, por exemplo, o da interdependência.

Para pegar o alimento são necessário dois palitos. Você não pode utilizar um só, pois não vai espetar o alimento; são necessários dois. O Judô também se faz em parceria, não podemos achar que somos auto-suficientes: uns precisam dos outros. O *hashi* simboliza a interdependência. Para utilizá-lo é necessário pressionar um contra o outro, ou seja, na oposição das forças o alimento é capturado. No Judô, a oposição de forças, habilidades e conhecimento entre os lutadores não os torna inimigos, esta *oposição somada* torna-se o alimento, a essência, a ajuda mútua onde ambos progridem. Os palitos do *hashi* simbolizam corpo e alma; mente e espírito de maneira integral. Separados não funcionam, sua integridade é princípio fundamental, não há utilidade no dualismo. *Hashi*, guardada evidentemente as diferenças da sutileza da pronuncia e sua grafia em *kanji*, também significa ponte, donde podemos tirar a mensagem *Do* (caminho) a ser seguido pelo judoca, um caminho no qual a interdependência é condição primordial.

GV: Escolher histórias para trabalhar a aprendizagem dos valores, especialmente a educação para a *prudentia* (como a mãe de todas as virtudes), tanto para os alunos quanto para os professores tem sido tarefa prazerosa. Essa tarefa nos estimula a pensar sobre como atuar nesse papel de professor nos diferentes ciclos, além de olhar para muitas situações que mantêm relações burocráticas e autoritárias. As histórias nos ajudam a refletir criticamente sobre muitos assuntos cotidianos. Através delas desenvolvemos o olhar observador das nossas próprias ações.

Nas escolas onde trabalhamos, situações como a citada (dos uniformes) - exigir o que ainda não foi entregue - são, infelizmente, comuns. Há bibliotecas que continuam fechadas pois eventualmente os livros podem sumir. Há salas de informática que não podem ser usadas porque as máquinas podem ser destruídas ou as peças podem ser furtadas. Há ainda provas que avaliam assuntos ainda não trabalhados, não apreendidos. Enfim, que mundo estamos gerando com essa cultura da desconfiança?

É importante nos dias de hoje nos perguntarmos sobre quais histórias poderemos contar para esses grupos para que possam olhar o presente vivido e darem conta do que nós mesmos temos gerado e conservado como parte da nossa cultura. Fazer escolhas nos leva a refletir. Vale lembrar Humberto Maturana e o convite que nos faz: lançar um olhar sobre nossa história de transformações culturais a partir do suceder de nossos espaços ou dinâmicas emocionais e de sentires relacionais íntimos que guiam tais transformações num sentido ou noutro. Nada mais rico do que as histórias escritas por nós, seres humanos que de alguma forma conservam o que escolhemos em cada momento histórico. Ele ainda diz que podemos entender a existência humana através de um olhar que nos leve a nos perguntar o que desejamos conservar em nosso viver, conscientes de que essa escolha faz com que tudo o mais possa mudar, transformar-se.

JL: Voltando à pergunta inicial, os *amthal* - as histórias, anedotas etc. - sempre me guiam nas grandes e pequenas decisões da vida. Se me permitem, vou elencar aqui alguns exemplos pessoais, usando como critérios de seleção: os mais frequentes. os que tenho citado em estudos e os mais “úteis”.

Mas, antes, uma consideração teórica: tomar uma decisão é tarefa daquilo que se chama classicamente “razão prática”; não a razão que demonstra teoremas e articula enunciados abstratos, mas a razão que se volta para o “aqui e agora” e exige de mim uma dentre as diversas possibilidades concretas do agir neste caso: daí que a *prudentia* seja caracterizada como *recta ratio* (*orthos logos*) *agibilium*. (Claro que os *amthal* podem se prestar a manipulação ideológica, a distorções, a uma “*perversa* - torta - *ratio*” (risos) mas deste aspecto trataremos em outra ocasião).

Ora, dentre os diversos significados (ou derivações de significado) que a língua grega atribuiu à palavra *logos* (*ratio*), está o de razão no sentido de proporção: a relação 7/8 por exemplo, expressa um *logos* e desde Euclides falamos em números racionais e dizemos que a população cresce na *razão* 15/10000 e até de *ração* - o cahorro grande ganha 2/5 de comida; os 3 pequenos, uma *ração* menor: 1/5 cada um. Daí, recordemos de passagem, o imenso drama vivido pelo pensamento grego, quando da descoberta de números irracionais, *não-logos*, como a raiz quadrada de 2, a relação entre a diagonal e o lado do quadrado..., que não podiam ser “homologados” num “sistema língua-pensamento” (Lohmann) centrado no verbo ser...

E assim temos o conceito de *ana-logos* (o que está em proporção, na devida razão): dizer que a população cresce à razão de 15/10000 é afirmar a mesma razão que 3/2000. É *aná-logo*: 15 está para 10000, assim como 3 está para 2000. E assim como

fica tudo mais claro quando reduzimos 91/104 a seu equivalente 7/8; assim também a leitura desta situação de minha vida pode ser reduzida a uma *análoga*, exposta mais claramente num *mathal*.

Daí que, até Marx no prefácio de *O capital*, lembre a sentença chave da pedagogia das fábulas, a célebre advertência de Horácio (*Satirae* I, 1): “De te fabula narratur...” ([Por que ris?]) A fábula fala é de ti). Evidentemente, não estamos interessados em formigas, cigarras, lobos ou ovelhas, mas em nossa vida: nosso chefe, nossa sogra, nossos projetos etc. São Paulo, comentando o caráter de *mathal* de uma das tantas passagens da Bíblia: “Não atarás a boca do boi que debulha” (Deut 25, 4), desfere a ironia: “Acaso Deus está se preocupando com bois? Ou é para nós que Ele diz isto?” (I Cor. 9, 9-10). *De te fabula narratur...*

E aqui se coloca um outro aspecto importante do ponto de vista psicológico – pessoal e também pedagógico – e é o da isenção que obtemos transferindo o problema para as fábulas. O rei Davi está totalmente cego e não reconhece seu horrendo crime de mandar matar Urias para ficar com sua mulher, até que Deus lhe envia Natã (II Sam 12) para contar-lhe a história de um homem que tinha imensos rebanhos e ainda assim mata a única ovelhinha do pobre etc. Davi, indignado, diz: “Esse homem merece a morte!” (II Sam 12, 5). E Natã responde: “Tu és esse homem...”.

Ao mesmo tempo, a fábula permite uma maior margem de segurança ao crítico dos poderosos, que, afinal, está apenas contando uma história... É o que vem narrado em “Uma fábula sobre a fábula” por Malba Tahan (in *Minha vida querida*, 18ª ed. Rio de Janeiro: Record, 2002):

Quando Deus criou a mulher, criou também a Fantasia. Um dia, a Verdade resolveu visitar um grande palácio. E havia de ser o próprio palácio em que morava o sultão Harum Al Raschid.

Envoltas as lindas formas num véu claro e transparente, foi ela bater à porta do rico palácio em que vivia o glorioso senhor das terras muçulmanas. Ao ver aquela formosa mulher, quase nua, o chefe dos guardas perguntou-lhe:

- Quem és?

- Sou a Verdade! - respondeu ela, com voz firme. - Quero falar ao vosso amo e senhor, o sultão Harum Al-Raschid, o cheique do Islã!

[o chefe dos guardas informa o grão vizir...]

- A Verdade! - exclamou o grão-vizir, subitamente assaltado de grande espanto. - A Verdade quer penetrar neste palácio! Não! Nunca! Que seria de mim, que seria de todos nós, se a Verdade aqui entrasse? A perdição, a desgraça nossa! Diz-lhe que uma mulher nua, despudorada, não entra aqui! [...]

Quando Deus criou a mulher, criou também a obstinação. E a Verdade continuou a alimentar o propósito de visitar um grande palácio. E havia de ser o próprio palácio em que morava o sultão Harum Al-Raschid.

Cobriu as peregrinas formas de um couro grosseiro como os que usam os pastores e foi novamente bater à porta do suntuoso palácio em que vivia o glorioso senhor das terras muçulmanas. Ao ver aquela formosa mulher grosseiramente vestida com peles, o chefe dos guardas perguntou-lhe.

- Quem és?

- Sou a Acusação! - respondeu ela, em tom severo. Quero falar ao vosso amo e senhor, o sultão Harum Al-Raschid. Comendador dos Crentes.

[Nova consulta ao grão vizir...]

- A Acusação? - repetiu o grão-vizir, aterrorizado. - A Acusação quer entrar neste palácio? Não! Nunca! Que seria de mim, que seria de todos nós, se a Acusação aqui entrasse! A perdição, a desgraça nossa! Diz-lhe

que uma mulher, sob vestes grosseiras de um zagal, não pode falar ao Califa, nosso amo e senhor.

Quando Deus criou a mulher criou também o capricho. [...] Vestiu-se com riquíssimos trajes, cobriu-se com jóias e adornos, envolveu o rosto em um manto diáfano de seda e foi bater à porta do palácio em que vivia o glorioso senhor dos Árabes. Ao ver aquela encantadora mulher, linda como a quarta lua do mês de Ramadã, o chefe dos guardas perguntou-lhe: - Quem és?

- Sou a Fábula - respondeu ela, em tom meigo e mavioso. - Quero falar ao vosso amo e senhor, o generoso sultão Harum Al-Raschid, Emir dos Árabes! [...]

- A Fábula! - exclamou o grão-vizir, cheio de alegria. - A Fábula quer entrar neste palácio! Allah seja louvado! Que entre! Bem-vinda seja a encantadora Fábula: Cem formosas escravas irão recebê-la com flores e perfumes. Quero que a Fábula tenha, neste palácio, o acolhimento digno de uma verdadeira rainha! E abertas de par em par as portas do grande palácio de Bagdá, a formosa peregrina entrou.

E foi assim, sob o aspecto da Fábula, que a Verdade conseguiu aparecer ao poderoso califa de Bagdá, o sultão Harum Al-Raschid, Vigário de Allah e senhor do grande império muçulmano.

Nessa linha, de manifestação indireta da verdade, há um sugestivo provérbio árabe: “Bate no cão, tua noiva compreenderá...” (“Toma, cachorro maldito, isto é por ter fuçado nas minhas gavetas e ter mexido nos meus livros etc.”)

GV: Essa fábula traz muitos aspectos interessantes para nossa reflexão: o primeiro é que, muitas vezes, para que possamos executar uma ação ou falar algo, precisamos olhar o contexto para tomar a melhor atitude. No psicodrama olhamos para três contextos: o social, o grupal e o dramático (a ação propriamente dita).

O segundo é como cada um se apresenta a partir do seu desenvolvimento, da sua identidade, de quantos papéis já viveu em sua vida. É comum, quando somos jovens, colocarmos a cara a tapa. Falamos tudo, doa a quem doer. Passado um pouco de tempo, ponderamos e nos perguntamos se valeu a pena a briga. E assim, muitas vezes, nos vestimos de acusação, julgamos tudo e todos a partir de muitas teorias e, por fim, temos muitas explicações. Quem sabe podemos aprender a ser fábula? E assim nos divertir e rir de nós mesmos e desvelar a verdade de uma forma compartilhada com a aceitação de todos os envolvidos, sem contudo trair aquilo que deveria ser dito.

O terceiro aspecto que ocorre é que ela conta do processo e não do produto. Conta como a ardilosa mulher consegue entrar no palácio. O que vai acontecer - se é que vai acontecer algo - não ficamos sabendo, não importa, pois o foco está no fazer. O processo é muito interessante, nos coloca no aqui e agora.

O quarto aspecto é que na fábula, como na vida, existem muitos medos. E se a verdade entrasse porta adentro? E se a acusação tivesse entrado? A fábula pode entrar porque não ameaça. Ela é inventada, convida à participação.

O gostoso da história é que ela forma uma teia, revela a cultura interna (de quem inventou) e externa (do lugar onde vive), como e quem fez, vê, pensa, sente o que vive. A trama aumenta quando alguém lê, porque passa a ver, pensar e sentir, a partir da sua cultura interna/externa. A obra lida com seu entorno. A realidade é recriada com liberdade. O escritor, o contador, quem ouve a história ou a lê vislumbram os personagens que dançam juntos num contexto social, grupal e pessoal.

Além de tudo que foi exposto há as palavras que descrevem a mulher: ‘fantasia, verdade, formosa, nua, despuorada, obstinação, acusação, encantadora,

capricho, linda'. Trazem aspectos positivos e negativos. Apresentam uma atitude duvidosa: engana, de um lado, mas se olharmos de uma outra ótica é esperta. Como eram vistas as mulheres? A possibilidade de sermos pessoas não idealizadas como ocorre no texto é muito interessante. As diferenças de gênero (masculino e feminino) – estou citando Maturana – são somente formas culturais específicas de vida, redes específicas de conversações. É por isso que os diferentes valores que nossa cultura patriarcal confere às diferentes de gênero não tem fundamentos biológicos. Em outras palavras, as distinções sexuais são biológicas, mas o modo como vivemos é um fenômeno cultural.

JL: Grandes filósofos não têm reparos em citar fábulas e historietas para ilustrar suas teses. Um par de exemplos. Marx e Engels, no *Manifesto*, explicam que a destruição do capitalismo não virá de forças “externas”, mas da própria dialética interna que o leva a liberar forças que acabarão por suprimi-lo. E evocam a tradicional fábula: “Tal como o aprendiz de feiticeiro, a burguesia não consegue controlar as potências que põe em movimento”. E Tomás de Aquino, ao falar da ponderação antes de exercer o direito de fazer uma revolução, lança mão também de um “caso”:

Verdadeiramente, costuma acontecer, na tirania, tornar-se a posterior mais grave que a precedente, pois não retira os gravames anteriores e, até, pela perversidade do coração, excogita novos. Por essa razão, como outrora, em Siracusa, todos desejassem a morte de Dionísio, certa velha orava continuamente a fim de que ele ficasse incólume e sobrevivesse a ela. Disso sabendo, interrogou o tirano por que fazia assim. Ao que respondeu: “Quando eu era menina, como tivéssemos pesado tirano, desejava a morte dele; morto esse, sucedeu-lhe outro algo mais rude, cujo fim de dominação eu tinha por grande bem. E começamos a ter um governo mais intolerável, que és tu. Portanto, se fores derrubado, sucederá um pior no teu lugar”.

(<http://pt.scribd.com/doc/65690839/7/Capitulo-VII> De *Regimine Principum* I, VII acesso em 10-01-12)

Mas, passando a alguns casos concretos de uso de *amthal* (tanto em nível pessoal como no de comunicação), começaria por um dos mais geniais, que consegue com quatro palavras dar conta de uma sutil e complexa situação (e nos dá ocasião também de refletir sobre alguns outros aspectos da Pedagogia dos *amthal*).

A linguagem está muito ligada às gerações. Julián Marías acertadamente estabelece o espaço geracional, em termos de participação social, em 15 anos. Então, com a atual média de vida do brasileiro, convivem cinco gerações em nosso país. As distâncias de linguagem são por vezes acentuadas e se, por um lado, o bisavô não entende as gírias da garotada; por outro, os jovens usam cegamente as frases feitas dos mais velhos. E não é fácil prescindir delas. Como expressar rápida e eficazmente (o *amthal* tem esse aval), por exemplo, a vontade de A, em determinada situação, de abortar a tentativa do interlocutor, B, de envolver A em um problema que é só de B? E mais: dando a entender, ademais, a ironia de que B desfruta dos sucessos sozinho, mas na hora do aperto, quer dividir o problema com A, mas que desta vez passou da conta?

Nosso exemplo ilustra muito bem o *gap* geracional de que estamos falando. A situação se resolve com a usadíssima expressão “Nós quem, cara pálida?” (“quem cara pálida” aparece, segundo o Google em 110000 sites! Busca em 26-12-11).

Numa conversa entre pessoas de 60 anos, eles sabem muito bem a finíssima ironia e devastador conteúdo do que estão dizendo; mas e os adolescentes, que também se valem da expressão?

No “**Yahoo – respostas**” encontrei a pergunta:

Qual a razão de se chamar o índio [sic] de "Cara Pálida"?

Até hoje não entendi isso... Que significado tem chamar o índio de "Cara Pálida"!?

Bjus e obrigada pelas respostas!!

(<http://br.answers.yahoo.com/question/index?qid=20070312075324AAZ0sxz>, acesso em 26-12-11))

Por aí já se vê a importância do trabalho da Georgia que, entre outros objetivos, tem o de dar consciência ao falante dos *amthal* que fala e ouve. A geração da mocinha que indagava (e mesmo a de seus pais) nunca terá assistido a westerns de índios (os pele vermelhas em contraposição aos caras pálidas); mas há 50 anos esses filmes eram o pão de cada dia, no cinema e na TV. E, como todos de minha época se lembram muito bem, o Zorro não era (principalmente) o de capa e espada, mas um *ranger* mascarado (daí também a expressão “ficar mascarado”⁶ do futebol).

A expressão “Nós, quem, cara pálida?”, procede de uma piada do início dos anos 60. A TV brasileira exibia o seriado do herói Lone Ranger, que, no Brasil, foi batizado de Zorro; um *ranger* sempre acompanhado de seu fiel e servil índio Tonto. Um dia Zorro e Tonto encontram-se encurralados por índios sioux de um lado; comanches, apaches e moicanos pelos outros lados. Quando acaba a munição, Zorro se lamenta: "Nós estamos perdidos, Tonto". Tonto faz sua melhor pose de índio, capricha no sotaque e responde: "Nós, quem, cara-pálida?".



Zorro e Tonto. <http://www.ambrosia.com.br/drops/2011/01/22/johnny-depp-vivera-tonto-nos-cinemas>

GV: Falar da importância de contextualizar as histórias e as situações, para que façam sentido para um grupo maior de pessoas é fundamental. Diria meu mestre e amigo Cesarino que o atuar na situação sociodramática pode desenvolver nas pessoas a consciência de que é possível ser realmente agente da própria vida e de que, participando realmente de um coletivo, essa possibilidade se multiplica, criando mais possibilidades. Então contextualizar as pessoas através das vivências e da escuta de histórias refletidas no coletivo nos torna mais engajados. Esse termo embora com muitas conotações históricas pode nos levar a muitas derivações. Assim vamos nos conscientizando e nos dando conta de cada palavra compartilhada e resignificada.

⁶ O mascarado Zorro enfrentava casos incríveis e perigosíssimos, afetando naturalidade.

Os termos são mantidos numa cultura enquanto fazem sentido, depois ficam obsoletos. Quando algumas palavras são ditas, indicam a faixa etária de quem diz. Um exemplo a minha mãe perguntou para a minha filha, sua neta, se ela estava incomodada? Hoje em dia falar de menstruação, não tem problema, mas na época dela se falava de “incômodo”. Essa conversa foi muito rica no sentido de que lugar cada um fala, que conotações as palavras têm em cada momento. Foi uma boa conversa do feminino em três gerações.

JL: É frequente o caso de piadas, fábulas, parábolas, provérbios etc. se reduzirem a uma sentença (do desfecho ou não) ou palavra e, nessa forma enxuta, virem a fazer parte do vocabulário. E grande parte dos usuários nem suspeitam da saborosa história que está por trás de expressões como: amigo da onça, lágrimas de crocodilo, mãe coruja, longo e tenebroso inverno etc.

Se o primeiro exemplo, tomei de uma piada, o segundo é um clássico do budismo.

A *jangada de Buda*. Quando mudo de casa, surge o problema: o que devo conservar; do que devo me desfazer? Há gente que guarda, por décadas, trastes que vão de aparelhos velhos de celular a livros que já não interessam ou móveis que eram do tempo em que os filhos ainda moravam com eles... Uma das mais célebres parábolas de Buda (Carrière 2004: p. 346) ajuda a decidir nesses casos (claro que, como frequentemente ocorre, a mesma parábola pode ser aplicada em diferentes contextos e com mais ou menos amplitude – nesse caso, há interpretações que reivindicam um desapego até das coisas úteis e boas):

E assim, [Buda] deu o seguinte : exemplo: Um homem, viajando, chega à margem perigosa e assustadora de um rio de vasta extensão de água. Então vê que a outra margem é segura e livre de perigo. Pensa: "Esta extensão de água é vasta e esta margem é perigosa, aquela é segura e livre de perigo. Não há embarcação nem ponte com que eu possa atravessar. Acho que seria bom juntar troncos, ramos e folhas e fazer uma jangada com a qual, impulsionada por minhas mãos e meus pés, passe com segurança à outra margem". Então esse homem executa o que imagina, utilizando-se de suas mãos e seus pés, e passa para a margem oposta sem perigo. Tendo alcançado a margem oposta, ele pensa: "Esta jangada me foi muito útil e me permitiu chegar a esta margem. Seria bom carregá-la à cabeça ou às costas onde quer que eu vá". [...] – [Buda conclui:] Como agiria ele adequadamente em relação à jangada? Tendo atravessado para a outra margem, esse homem deveria pensar: "Esta jangada me foi de grande auxílio e graças a ela cheguei com segurança, agora seria bom que eu a abandonasse à sua sorte e seguisse o meu caminho livremente"
(www.iccfh.net.br “Pensamentos Recolhidos em Textos Budistas e Zen-budistas” acesso em 10-01-12)

GV: Ler uma história ou contá-la nos faz muitas vezes reviver situações de uma forma nova. Somos pegos por outros jeitos de ver o que vivemos ou sentimos num momento anterior. Como num psicodrama, nos vemos em cena vivendo o que os personagens vivem. Nem sempre precisamos protagonizar a situação para poder transformar ou entender o que se passa em nós. Assim podemos nos desapegar de situações vividas as que carregamos e que nos causam dor. Na visão de Maturana, o que move as pessoas é a curiosidade e a dor. Temos escolha: podemos largar, a jangada, as tralhas, as teorias, as dores e viver mais simplesmente o aqui e o agora. Estamos mais abertos para o vivo.

JL: *O aroma da sopa.* Esta, também oriental e antiga, se aplica sobretudo a pessoas apegadas a regrinhas absurdas. Era uma vez, no tempo em que os animais ainda falavam, numa floresta, havia um departamento com alguns professores muito burocratas, que infernizavam a vida dos colegas, exigindo o cumprimento à risca das regras (claro que, quando se tratava de alguém da turma deles, as coisas mudavam: “Para os amigos tudo; para os inimigos, a lei”). Numa dessas, queriam excluir uma colega que não atingiria o número de pontos acadêmicos, pois iria publicar um livro, o que só lhe conferiria, digamos, 10 pontos segundo as regras do reino e ela precisava de 40 pontos para se recredenciar. O editor do reino, querendo resolver o problema, lembrou-se da história do “aroma da sopa” e, num passe de mágica, desmembrou o livro e publicou-o em quatro artigos (junto com alguns de outros autores), em uma revista qualificada (cada artigo valia 12 pontos) e assim ela completou 48 pontos e viveram felizes até a próxima avaliação...

A decisão foi inspirada em “O preço da fumaça”, também aqui na versão de Malba Tahan:

[...] Já pelo início da noite, em um dos cantos do imenso pátio, sobre um fogo aceso, fumegava um grande caldeirão de sopa, cuja fumaça cheirosa e azulada encapava-se pelas frestas da enorme tampa. O pobre Salim, camaleiro de uma daquelas tantas caravanas, tirou do seu bernal um pedaço de pão duro e seco, aproximou-se do caldeirão e pôs-se a passá-lo através dos halos da fumaça, como que a pretender melhorar ou suavizar-lhe o insosso sabor, impregnando-o com um pouco do cheiro daquela sopa. Neste momento, ele ouviu bradarem ao seu lado: - Miserável, ladrão, que Alá, e bendito seja o Todo-Poderoso, te castigue, ó cão! Furtas a minha fumaça. Prendam-no. Era Mustafá, um dos mais ricos chefes de caravanas de Basra, que assim vociferava. Salim foi cercado e rudemente seguro por dois ou três homens, sendo levado à presença de um velho Cádi (juiz entre os muçulmanos), que vinha da capital Bagdá [...]. O douto juiz ordenou, então, a Salim, que tomasse numa de suas mãos o seu pequenino saco de moedas, desatando-o do cinto, e que o sacudisse bem, de forma alta e forte, fazendo com que as parcas e ínfimas moedas de cobre existentes no seu interior tilintassem bem alto. - E tu, ó Mustafá, ouviste bem o tilintar sonoro das moedas de Salim? - Sim, Excelência, eu ouvi muito bem. Todas estas pessoas que nos rodeiam testemunharam comigo que tu disseste ter ouvido o tilintar das moedas, quando agitadas por Salim. E, aprende, ó Mustafá, para o resto da tua desprezível vida, que todo aquele que se arvora no direito de cobrar de seu semelhante pelo uso do cheiro de uma fumaça, que se esvai de um caldeirão a cozinhar uma sopa, deve contentar-se em ver-se inteiramente pago pelo tilintar de moedas que sai de dentro do saco que as contém. Repito, estás pago, ó Mustafá. Vai-te, pois, logo deste lugar. www.gazetadotriangulo.com.br/novo/index.php?option=com_content&view=article&id=13879:o-preda-fuma&catid=28:direito-e-justi&Itemid=291 acesso em 10-01-12)

Por joder. Disse que a motivação dos maus colegas estava ligada a apego a regrinhas; na verdade, talvez o ponto central fosse outro, mais simples e profundo. Quando não chegamos a atinar com as insondáveis razões da malvada conduta de outrem, pode ser útil recordar uma das proverbiais piadas nacionais da Espanha: o mero prazer de prejudicar o outro pode ser motivação suficiente.

O vovô está à beira da morte e diz aos herdeiros reunidos em redor de seu leito:

“- Em meu testamento, se eu morrer em Madri, vocês têm de me enterrar em Barcelona; se eu morrer em Barcelona, devem enterrar-me em Madri”.

- Por que, por que?

- Por *joder*...!

Por que não fiquei a ver o Vasco? Mais uma piada. Esta, como se verá é uma piada sapiencial e perdi a conta das vezes que aconselhei a amigos (e a mim mesmo...) com essa anedota que alerta para a falta de razão (e a *prudentia* é, por definição, *ratio*: a reta razão aplicada às possibilidades de ação) para algumas de nossas ações. O sentido (entre outros possíveis) é o de que não devo me empenhar ou sofrer, se eu não tenho nada a ver com isso.

A piada é muito antiga, e a primeira versão que me lembro de ter ouvido é a seguinte:

Flamengo x Vasco, Maracanã lotado. De repente, plim-plom, o alto falante do estádio anuncia: “Atenção, senhor Manoel, favor dirigir-se imediatamente para Niterói: sua esposa acaba de sofrer um grave acidente com seu carro em frente à sua casa...”. O “conhecidíssimo figurante” sai correndo desesperado do estádio, atropelando um, pisando em outro e, esbaforido, pega um táxi. Pouco antes da ponte, pondera: “Mas... se eu não sou casado... não tenho carro... não moro em Niterói... não me chamo Manoel... *Por que não fiquei a ver o Vasco?*”

A piada é tão velha que, já em 1945, Wilson Batista e Roberto Martins lançaram a marchinha de carnaval "Não sou Manoel", gravada por Aracy de Almeida:

O telefone tocou pro Manoel
E o Manoel saiu armado
E foi pra Niterói
Mas na viagem ele refletiu
Na consciência nada me dói
Não sou Manoel, não sou casado
Eu sou é Joaquim
O que é que eu vou fazer em Niterói

E Vinicius em 1971, em “Eu não tenho nada com isso” (Vinicius/Toquinho), evoca a piada:

Eu não tenho nada a ver com isso
Nem sequer nasci em Niterói
Não me chamo João e não tenho, não
Qualquer vocação pra ser herói

E ninguém menos do que João Guimarães Rosa, no primeiro prefácio de *Tutaméia*, dá à nossa piada o status de tema de romance kafkaesco:

Siga-se, para ver, o conhecidíssimo figurante, que anda pela rua, empurrando sua carrocinha de pão, quando alguém lhe grita: “ – Manuel, corre a Niterói, tua mulher está feito louca, tua casa está pegando fogo!...” Larga o herói a carrocinha, corre, voa, vai, toma a barca, atravessa a Baía quase... e exclama : “ – Que diabo! eu não me chamo Manuel, não moro em Niterói, não sou casado e não tenho casa...”

Agora, ponha-se em frio exame a estorieta, sangrada de todo burlesco, e tem-se uma fórmula à Kafka, o esqueleto algébrico ou tema nuclear de um romance kafkaesco por ora não ainda escrito.

Eu, cá, não sou orgulhoso. Para finalizar, algumas histórias pessoais; a primeira se aplica muito bem a pessoas que têm pudores com dinheiros e cobranças. Devo-a ao seu Armandinho, o laborioso português dono de uma maravilhosa casa de frutas e batidas, não longe daqui [do Espaço Estância]. Um dia, já encerrado o consumo, aproveitei que meu amigo tinha ido ao toalete e chamei o Armandinho:

- Por favor, traga-me rapidamente a conta, pois meu amigo sempre faz questão de pagar e eu quero acertar antes que ele volte.

Imediatamente, ele traz a conta, recebe o pagamento e diz:

- Muito obrigado. Mas, olhe lá, eu não sou orgulhoso e, se o seu amigo faz questão de pagar, eu posso receber uma segunda vez.

Esta história eu mesmo tenho evocado para afastar constrangimento em situações embaraçosas: o seu Armandinho virou *mathal*... – meus amigos já falam: “Eu vou dar uma de Armandinho e vou aceitar” etc. É interessante notar que, na Bíblia (Jó 17, 8), Jó anuncia que, pelo seu sofrimento, ele já se tornou um *mathal* para o povo (*mathalan al-shu'ubi*) e ainda hoje dizemos “paciência de Jó” (Tg 5, 11) – em inglês gato de Jó é tipo de pobreza: *Job's cat*.

Meu dignidade profissional está OK. Ainda em questões delicadas de dinheiro, ainda hoje e sempre, tomo decisões baseado em um episódio com Alfredo, então meu professor de inglês, além de grande amigo (falecido há alguns anos). Há cerca de uns quinze anos (e ainda hoje...), a Mandruvá estava com apertos financeiros, mas precisávamos traduzir alguns artigos para o inglês e ninguém melhor do que o Alfredo, nativo e culto. O Alfredo era um lorde, finíssimo e britânico imperturbável. Por exemplo, contava como quem conta um pequeno incidente de família as agruras que tinha sofrido na guerra como prisioneiro dos japoneses.

Eu encomendei o trabalho como se fosse um cliente normal; ele aceitou e, por ser amigo, ofereceu-me um bom desconto. Dias depois, ao entregar as (primorosas) traduções, pegou a calculadora e deu-me o preço: quatrocentos e vinte e três dólares. “- Mas, para você, vou fazer por quatrocentos”. Era o combinado (e até com um chorinho adicional), esforcei-me para aparentar fleugma britânica e dei-lhe o dinheiro, tentando esconder a angústia... Ele conferiu lentamente, guardou no bolso e disse: “- *Meu dignidade profissional está OK.*” Em seguida, tirou o maço de notas do bolso e disse: “Agora, posso contribuir para ajudar seu editora?” E deu-me os US\$ 400. Grande Alfredo (ou Alfredo, o grande)!

Abraço também, não. Outro relato inesquecível é o daquele colega, notável professor universitário, que, na época das guerras coloniais, tinha lutado ao lado dos nativos e foi preso pela polícia política da metrópole. Muitos anos depois, uma incrível coincidência: ele encontrou o truculento agente que o prendera em um supermercado em São Paulo! Reconhecendo sua antiga vítima, o agente tentou esquivar-se (“- Mas o supermercado não era grande e eu acabei por encurralá-lo lá junto a umas gôndolas”). Ao encarar, em novas circunstâncias, sua antiga vítima (em

outro país e sem estar investido dos arbitrários poderes de outra época) entrou em pânico, empalideceu e emudeceu.

De modo breve e seco, o professor lhe disse que não queria acertar contas, pois compreendia que, na época, os dois estavam em partes antagônicas e cada um a cumprir o seu papel. O (ex-)agente respirou aliviado e, abrindo os braços, dirigiu-se ao professor, que o deteve com um gesto enérgico: “Olhe lá, abraço também: não!” Virou as costas e foi embora completar suas compras.

Muitos cristãos escrupulosos podem encontrar nesse relato o antídoto contra interpretações tolas do “Virar a outra face” e “Amar os inimigos” do evangelho. Esse professor, marxista, deu um grandioso exemplo de perdão e ensina ao cristão, que ele não tem que fazer bilu-bilu para o agressor (e evidentemente, se possível, não deixar de exigir a devida reparação e a punição jurídica, que pode levar o injusto à reflexão, tão necessária para sua conversão e salvação de sua alma...)

Como um *coda*, só lembrar que muitos *amthal* vêm da publicidade: como – para ficarmos em um par de exemplos – o, na época famoso “Não é uma Brastemp” (que dava vazão ao gosto brasileiro pelo eufemismo...). E a imensa falta que faz – diante de um pedido trabalhoso de um amigo – aquela pergunta: “Dá para tomar uma Kaiser antes?”

Recebido para publicação em 10-01-12; aceito em 30-01-12